UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

JÉSSIKA ALINE DE LIMA PAULINO

CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E IDENTIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-DISCURSIVA DAS TIRAS DA MAFALDA

CAMPINA GRANDE-PB
2012

JÉSSIKA ALINE DE LIMA PAULINO

CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E IDENTIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-DISCURSIVA DAS TIRAS DA MAFALDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Sob a orientação do Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues.

CAMPINA GRANDE-PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

P328t Paulino, Jéssika Aline de Lima.
Construção de sentidos e identidade feminina: uma análise semântico-discursiva das tiras da Mafalda [manuscrito] / Jéssika Aline de Lima Paulino. – 2012.
54 f. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
"Orientação: Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues, Departamento de Letras".

1. Semiótica 2. Análise do Discurso 3. Gênero Feminino 4 História em Quadrinhos I. Título.

21. ed. CDD 401.41

JÉSSIKA ALINE DE LIMA PAULINO

CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E IDENTIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-DISCURSIVA DAS TIRAS DA MAFALDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em: 26/11/2012.

BANCA EXAMINADORA

Linduarte Pereira Rodrigues 10,0

Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues - UEPB (Orientador)

Roberta Soares Paiva 10,0

Profa. Ms. Roberta Soares Paiva - UEPB (Examinadora)

Teresa Neuma de F. Campina 10,0

Profa. Ms. Teresa Neuma de Farias Campina - UEPB (Examinadora)

CAMPINA GRANDE-PB
2012

Aos meus pais, a quem dedico esta,
bem como todas as minhas
conquistas.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de um longo percurso acadêmico, no qual encontrei muitas pessoas que me proporcionaram conhecimento e crescimento pessoal, e de alguma forma contribuíram para a construção de quem sou hoje. De antemão, não me arrisco em ser injusta por esquecer o nome de alguém e agradeço a todos que fizeram parte da concretização desta etapa da minha vida. Em especial, a algumas pessoas que contribuíram diretamente:

A Deus, a quem dedico minha fé, e a quem me rendo em busca de coragem para ir além dos meus limites, nestes anos dedicados à academia. Ele não me deixou faltar forças para enfrentar os obstáculos e ir até o fim.

Aos meus pais (Ademilson e Cilene) e ao meu irmão (Rafael), que nunca mediram esforços para me incentivar nesta caminhada. Vocês são meus heróis, aqueles que muito amo. Obrigada por estarem sempre comigo, ajudando a construir os alicerces de um futuro que apenas iniciou.

Ao meu noivo (Arthur) que, mesmo distante, sempre me incentivou a buscar conhecimento. Com paciência e companheirismo se tornou meu melhor amigo, acreditando em meu potencial, até quando eu mesma não mais acreditava. E entendeu todas as ausências e renúncias. Meu amor, valeu a pena esperar! Agora colheremos os frutos desta vitória.

Agradeço a todos que compõem a Universidade Estadual da Paraíba.

Aos professores, pelos ensinamentos que ampliaram ainda mais meus horizontes, enquanto eterna aprendiz. Além do aprendizado, foram legados conselhos para minha formação acadêmica e pessoal. Em especial, agradeço ao professor Linduarte, pela atenção e generosidade em aceitar meu convite de orientação, e com muita paciência, ajudou na conclusão deste trabalho, a partir do qual entro no mundo da Análise do Discurso. Sem esquecer a nobre banca que se dispôs em avaliar este trabalho, meus sinceros agradecimentos.

Aos amigos de curso, pelas experiências partilhadas durante este percurso. Sem esquecer aqueles que desistiram no meio do caminho e saudando aqueles que não se deixaram abater com as dificuldades, chegando até o fim. Agora encerramos uma etapa para darmos início à outra. Junto aos exemplos de profissionalismo, carregarei comigo a amizade que foi construída para além do espaço acadêmico.

Por fim, ao Quino, que sabiamente deu formas a personagem Mafalda, uma menina, dona de um discurso que além de nos causar o riso, nos faz refletir e nos tornar mais lúcidos frente aos problemas do mundo que nos cerca.

“Às vezes vocês não se sentem um tanto indefinidos?”.
“Justo a mim coube ser eu!”.
(MAFALDA)

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo analisar um conjunto de tiras da personagem Mafalda, de Quino, mediante abordagens teóricas da Semântica e Pragmática, bem como da Análise do Discurso de linha francesa. Buscou compreender e discutir como se dá a construção de sentidos e da identidade feminina nesse gênero do discurso, tendo como aporte teórico: Austin (1990); Bakhtin/Voloshinov (1992); Brandão (2004); Fernandes (2008); Mendonça (2003); Orlandi (1988; 2002; 2006); dentre outros. A hipótese inicialmente levantada para este problema foi que a construção de sentidos se dá a partir da relação que há entre o texto verbal e não verbal, que nos induz a construir os sentidos através de estratégias discursivas que produzem diferentes efeitos de objetividade e subjetividade. Em relação à Construção da Identidade Feminina, há um confronto ideológico entre as personagens, enquanto representação de sujeitos sociais. Por ser um gênero usual entre pessoas de diversas classes sociais, a partir dos mais diferentes meios de comunicação, a tira é portadora de uma linguagem crítica, criativa, engraçada, resultantes das inúmeras marcas linguísticas de sentido identificadas em sua leitura, as quais são importantes para a compreensão entre os sujeitos envolvidos no contexto de atuação desse gênero. O que justifica o desenvolvimento dessa pesquisa. Acreditamos que os resultados obtidos foram satisfatórios, possibilitando entender como se dão os fenômenos da significação em linguagem na linguística contemporânea, presentes no gênero em análise. Um estudo que permitiu a abertura dos caminhos para futuras pesquisas do fazer científico nas linhas teóricas base desse estudo.

Palavras-chave: Tiras da Mafalda. Identidade feminina. Análise do Discurso. Semântica e Pragmática.

ABSTRACT

This study aimed to analyze a set of strips of character Mafalda, Quino, through theoretical Semantics and Pragmatics and Discourse Analysis of French line. Sought to understand and discuss ways in which the senses and the construction of female identity in this kind of discourse, with the theoretical Austin (1990); Bakhtin / Voloshinov (1992); Brandão (2004), Fernandes (2008); Mendonça (2003), Orlandi (1988, 2002, 2006), among others. The hypothesis originally raised for this problem was that the construction of meaning occurs from the relation between the verbal and non verbal text, which induces us to build the senses through discursive strategies that produce different effects of objectivity and subjectivity. Regarding the Construction of Feminine Identity, there is an ideological confrontation between the characters, as a representation of social subjects. Being a genre common among people of different social classes, from the most different media, the strip is a carrier of a critical language, creative, funny, resulting from numerous brands of linguistic meaning identified in your reading, which are important understanding between those involved in the context of this kind of activity. What justifies the development of this research. We believe that the results were satisfactory, allowing understand how to give meaning to the phenomena of language in contemporary linguistics, present in gender analysis. A study that opened the way for future research on lines of scientific theoretical basis of this study.

Keywords: Mafalda strips. Female identity. Discourse Analysis. Semantics and Pragmatics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 O vestido do jardim de infância..... 41
Figura 02 Quando eu crescer..... 43
Figura 03 O fluxograma..... 44
Figura 04 A limpeza do globo terrestre..... 45
Figura 05 O sonho de Mafalda..... 47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 11

CAPÍTULO I

1 APORTE TEÓRICO..... 14
1.1 BREVE CONCEITO DE TEXTO..... 14
1.2 ENUNCIADO E ENUNCIAÇÃO..... 15
1.3 BREVE CONCEITO DE DISCURSO..... 16
1.3.1 O sujeito do discurso..... 18
1.3.2 O tempo e o espaço: o contexto..... 19
1.4 ANÁLISE DO DISCURSO..... 20
1.5 IDEOLOGIA..... 22
1.6 IDENTIDADE..... 25
1.6.1 A construção social da Identidade Feminina..... 26
1.7 TEORIAS DO SENTIDO: AS SEMÂNTICAS E AS PRAGMÁTICAS..... 28

CAPÍTULO II

2 ACERCA DO OBJETO DE ESTUDO..... 32
2.1 GÊNEROS DO DISCURSO..... 32
2.1.1 Gênero Tira..... 34
2.2 TIRAS DA MAFALDA..... 36

CAPÍTULO III

3 ANÁLISE DO *CORPUS*..... 41

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 49
REFERÊNCIAS..... 51

INTRODUÇÃO

Com o surgimento das histórias em quadrinhos, marcado por acontecimentos sócio-históricos e culturais em determinado momento do século XX, Quino, o produtor das histórias da Mafalda, construiu críticas acerca de problemas sociais, incentivando o leitor a formar opiniões sobre diversos temas como: o papel da mulher na sociedade, a pobreza, a política, a dominação dos EUA, o descaso com a qualidade da educação, entre outros.

No período em que estas tiras foram publicadas, aconteceu uma série de conflitos sociais em busca pelo direito à igualdade. Em meio a estes manifestos, as mulheres sofriam por ainda serem vistas como submissas ao machismo, dedicando-se à função de doméstica, mãe e esposa.

E foi em meio a estes acontecimentos que surgiu a personagem Mafalda, representando uma nova voz feminina, construindo um discurso de uma nova identidade feminina, contrapondo-se a muitos discursos, entre eles, ao representado por sua mãe e ao representado por sua amiga Susanita, que se encontram distantes dos pensamentos críticos sobre o mundo e se submetem ao machismo, ao capitalismo e às questões de estética. A construção de sentido e da identidade feminina é (re)produzida por Quino através de críticas sociais que causam no leitor o efeito risível.

A partir desse contexto, nossa pesquisa descritiva e analítica, de cunho bibliográfico e documental, objetiva compreender e discutir, à luz da Análise do Discurso de linha francesa, como se dá a construção de sentido e da identidade feminina nas tiras da Mafalda. Nesse estudo de caso, a partir do problema supracitado como objetivo, nossa hipótese, inicialmente levantada é que a construção de sentidos se dá a partir da relação que há entre o texto verbal e o não verbal, que nos induz a construir os sentidos através de estratégias discursivas que produzem diferentes efeitos de objetividade e subjetividade. No que diz respeito à construção da identidade feminina, vimos que há um confronto ideológico entre as personagens, enquanto representação de sujeitos sociais.

A partir do nosso objetivo principal, de compreender e discutir como se dá a construção de sentidos e identidade feminina nas tiras da Mafalda, especificamos nossos objetivos em: compreender a função do gênero tira, que atua como veículo de propagação de valores sócio-históricos e culturais; reconhecer o contexto sócio-histórico e cultural representado nas tiras da Mafalda; expor algumas críticas sociais presentes nas tiras da Mafalda: a submissão feminina ao machismo, à política e às questões de estética; reconhecer

os recursos linguísticos e extralinguísticos responsáveis pela construção dos sentidos; e, por fim, retratar as identidades femininas e entender como essas identidades são construídas em algumas tiras da Mafalda. Para tanto, nos baseamos teoricamente acerca do discurso, das teorias do sentido, do sujeito, da identidade, da ideologia, pautados nos aportes teóricos de Michel Foucault (1993; 2005), Michel Pêcheux (1995), Mikhail Bakhtin/Voloshinov/Medvedev (1992; 2003), entre outros. Também tivemos como referência alguns teóricos que abordam as questões do texto, gêneros discursivos, especificamente o gênero tira, com ênfase nas tiras da Mafalda. Dentre esses teóricos estão Ingedore Koch (1997), Mikhail Bakhtin/Volochinov/Medvedev (1992; 2003), Luiz Antônio Marcuschi (2003), Sírio Possenti (2007), entre outros, os quais foram de suma importância como aporte para nossa análise, uma vez que contribuíram para a abordagem do gênero textual/discursivo em questão.

A iniciativa desse trabalho se deu pela necessidade de discutirmos e compreendermos o tema proposto, uma vez que o discurso presente no gênero discursivo tira, sobretudo nas tiras da Mafalda, demonstra-nos um vasto campo de investigação do qual podemos extrair uma pesquisa sobre os discursos existentes nos enunciados das personagens de Quino, mais especificamente, os que dizem respeito à construção da identidade feminina.

O interesse em analisarmos as tiras produzidas por Quino, como *corpus* de nossa pesquisa, originou-se pelo fato de que os discursos existentes nas tiras da Mafalda perpassam gerações e continuam exercendo suas funções coercitivas até os dias de hoje. Para esse *corpus*, coletamos, na internet, diversas tiras da Mafalda, das quais selecionamos 5 (cinco), que se adequaram mais à temática proposta. A internet foi utilizada como campo de coleta das tiras estudadas pelo fato de termos percebido que esse canal permite a circulação de um volume considerável desse gênero textual discursivo, sendo responsável pela disseminação dos discursos ali reproduzidos.

Nos textos analisados, pudemos observar que os discursos - implícitos ou explícitos – têm por objetivo gerar no leitor do texto reflexões sobre os valores impostos pela classe dominante na época em que as tiras foram produzidas, e que esses valores perpetuam até os dias de hoje em nossa sociedade. Assim, na tentativa de contribuir para uma tomada de consciência por parte dos indivíduos, enquanto sujeitos sociais, nossa pesquisa almejou colaborar para a formação de sujeitos conscientes, que constroem suas próprias identidades, de modo que os mesmos não se tornem submissos a ideologias que favorecem apenas uma classe, a dominante, de nossa sociedade. Sendo, neste sentido, explícita a nossa adoção por uma abordagem discursivo-ideológica de base marxista.

Diante do exposto, dividimos nosso trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos os aportes teóricos sobre texto, enunciado, enunciação, discurso, as teorias do sentido e a análise do discurso de linha francesa. No segundo capítulo, trouxemos uma explanação acerca do objeto de estudo, na qual apresentamos teorias sobre os gêneros do discurso, com destaque para o gênero tira, especificamente, as tiras da Mafalda. Abordamos, ainda neste capítulo, acerca da construção social da identidade feminina. No terceiro capítulo, apresentamos a análise do *corpus* coletado para fins de demonstração dos discursos que sustentam a produção da identidade estudada.

Os resultados alcançados em nossa pesquisa são apresentados nas considerações finais, em que foram avaliados e confirmados os objetivos iniciais propostos. Por fim, seguem-se as referências que subsidiaram a construção de nosso trabalho.

CAPÍTULO I

1 APORTE TEÓRICO

1.1 BREVE CONCEITO DE TEXTO

Para iniciarmos um estudo sobre texto, faz-se necessário compreender a diversidade comunicativa que acontece a partir de uma ocorrência linguística, falada ou escrita. Para Koch (1997), há uma diversidade de visões sobre texto, que existem desde as origens da Linguística do Texto até os dias atuais. Em seus postulados, Koch (1997, p. 21) apresenta que texto, em um primeiro momento, foi visto como: "a) unidade lingüística (do sistema) superior à frase; b) sucessão ou combinação de frases; c) cadeia de pronominalizações ininterruptas; d) cadeia de isotopias; e) complexo de proposições semânticas". Em um segundo momento, já sob as orientações pragmáticas, o texto passou a ser visto:

> a) pelas teorias acionais, como uma seqüência de atos de fala; b) pelas vertentes cognitivistas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais; e c) pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade verbal, como parte de atividades mais globais de comunicação, que vão muito além do texto em si, já que este constitui apenas uma fase deste processo global.

Sendo assim, diversos fatores devem ser reconhecidos para que aconteça o que chamamos de texto, visto que não é algo pronto e acabado, mas um processo que se torna completo com a interação do leitor junto ao texto. A partir do conhecimento prévio que o leitor possui armazenado na memória, cabe a ele o papel de buscar as pistas fornecidas pelo autor para chegar à compreensão do texto. Essa busca deve ocorrer aliada às marcas linguísticas e aos mecanismos responsáveis pela argumentação. Ou seja, em Koch (1997, p. 22), o texto é "resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que tem lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social".

Podemos acrescentar à ideia de Koch (1997) que texto pode ser uma palavra, uma frase, um símbolo, uma imagem ou um gesto, ou seja, algo que comunique desde que apresente sentido, através da linguagem verbal ou da linguagem não verbal.

É necessário termos em mente que o texto é o resultado da atividade verbal entre dois sujeitos (autor/leitor). Esse texto deve ser relacionado ao seu contexto sócio-histórico, pois sofrerá determinações de formações ideológicas específicas de uma sociedade, ou seja, o texto é produzido por um sujeito social que expressa marcas do grupo social a que pertence, no período e no contexto no qual se insere. Assim, cumpre funções sociais, de acordo com as condições em que a atividade verbal se realiza.

Fiorin & Platão (2006, p. 17) afirmam que "Todo texto tem um caráter histórico, não no sentido de que narra fatos históricos, mas no de que revela os ideais e as concepções de um grupo social numa determinada época." Como podemos notar, os textos apresentam caráter histórico e social do seu tempo, cabendo a nós, compreender essa relação que há entre o texto e as características histórico-sociais existentes na época de sua produção.

Em Costa Val (1999, p. 3), texto é apresentando como "ocorrência lingüística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sócio-comunicativa, semântica e formal". Assim, todo enunciado linguístico pode ser considerado texto, quando cumpre uma função em um determinado contexto sociocultural, que, por sua vez, é de grande contribuição para a construção de seu sentido, pois os conhecimentos contextuais partilhados pelo autor e o leitor orientam e garantem uma boa compreensão no momento da interação.

Com base nestas considerações, podemos entender que, para construir um texto, é necessário que haja estratégias discursivas que se baseiam na exterioridade à linguagem - o social e a ideologia - associando o discurso às condições de produção que exercem a função enunciativa.

1.2 ENUNCIADO E ENUNCIAÇÃO

Como coloca Bakhtin/Voloshinov (1992), o uso da linguagem perpassa todos os campos da atividade humana. A língua se concretiza sob a forma de enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades da comunicação. Assim, podemos entender o texto como um enunciado que tem algo a dizer, que é a enunciação. Como constituinte do discurso, o enunciado não se limita à sua forma fonética ou morfológica, uma vez que o sentido de um determinado enunciado é impreterivelmente formado pelo contexto situacional. A partir de uma função enunciativa, compreendemos a existência de um enunciado como efeito do dito e a materialização do discurso em determinado contexto.

Para entender enunciação, devemos considerar as condições de produção de sentido ligadas ao contexto e/ou situação sócio-histórica e ideológica. Segundo Bakhtin/Voloshinov (1992, p. 112), enunciação é o "produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados". Portanto, a enunciação é a interação de elementos linguísticos e sociais. Assim, entendemos por enunciação toda a produção de sentidos, que envolve os sujeitos, os discursos e os lugares em que são produzidos, e as línguas transformadas pelos sujeitos, pelos lugares e pelos discursos. Bakhtin/Voloshinov (1992) afirma que todo enunciado só pode ser compreendido no interior de um gênero discursivo.

Com base nos postulados supracitados, sabemos que enunciado e enunciação expressam um caráter discursivo e ideológico. Visto isso, refletiremos sobre discurso e ideologia.

1.3 BREVE CONCEITO DE DISCURSO

A produção do discurso se realiza na história, por meio da linguagem, por onde a ideologia se materializa. A Análise do Discurso, considerando o discurso como objeto de estudo, que é encontrado no social e envolve questões não somente linguísticas, entende que discurso é como uma prática do sujeito sobre o mundo, que constrói uma vontade de verdade. Ou seja, são aspectos ideológicos e sociais contidos nas palavras quando pronunciadas.

Entre muitos autores que se adentram no mundo do discurso, citaremos alguns como Foucault (2005, p. 135), que define discurso como "[...] um conjunto de enunciados na medida em que se apóia na mesma formação discursiva". Ele define essa formação discursiva como "um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram uma determinada época, para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística, dadas as condições de exercício da função enunciativa" (FOUCAULT, 2005, p. 153). No entanto, uma formação discursiva não se limita a uma época, pois resulta em elementos existentes em outros espaços sociais e momentos históricos. Em consequência, ocasionam outros efeitos de sentido.

A formação discursiva, com base na heterogeneidade do discurso, é construída por outras formações discursivas, que resultam da interação da análise linguística e discursiva. O conceito de formação discursiva desencadeia o processo de transformação do discurso, como objeto de estudo da AD. Para Orlandi (2006, p. 17), as formações discursivas, por sua vez, "[...] são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas". Essa mesma autora observa

ainda a relação entre língua e ideologia que se encontra no discurso, em que a língua produz sentidos pelos/para os sujeitos.

Podemos encontrar outro postulado sobre discurso em Brandão (2004, p. 46), que encara discurso sob a perspectiva do ideológico, quando diz que o discurso é "[...] uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos matérias da 'existência material das ideologias". Sobre esse aspecto, Brandão (2004, p. 47-48), continua afirmando que:

> O discurso é uma espécie pertencente ao gênero ideológico. Em outros termos, a formação ideológica, tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas. São as formações discursivas, que em uma formação ideológica específica e levando em conta, uma relação de classes, determinam 'o que pode e deve ser dito' a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada.

Há uma concepção linguística que concebe o discurso como um encadeamento de palavras ou frases, em determinada ordem que comunica ou significa. Por outro lado, partilhamos de uma perspectiva teórica que enxerga na produção linguística um entrecruzamento de discursos e, nesses discursos, a coexistência de diversas vozes. A produção de um discurso sofre influências de outros discursos, em que há uma multiplicidade de significações e pontos de vista. Sendo assim, um discurso é a interação de sujeitos, que compartilham seus ideais e contrapõem-se a outros discursos.

A AD investiga como é possível recuperar a estrutura, a ideologia, a história para construir a unidade do texto. Assim, o texto é a materialidade do discurso, e o discurso provoca a construção de sentidos, na qual os sujeitos a buscam na memória social, sendo assim, mais do que transmissão de informação, o texto é um processo em que os sujeitos constituem-se e produzem sentidos através de discursos. Seguindo a ideia de materialidade do discurso, Fernandes (2008, p. 23), em seus postulados, afirma:

> A começar pela busca de um espaço na Linguística, discurso não é a língua e nem a fala, mas, como uma exterioridade, implica-as para a sua existência material; realiza-se, então por meio de uma materialidade linguística (verbal e/ou não verbal), cuja possibilidade firma-se em um, ou vários sistemas (linguístico e/ou semióticos) estruturalmente elaborados.

Em Foucault (1993), a construção ideológica é sintetizada como uma relação entre verdade e poder, assim, todos os discursos podem ser vistos funcionando como regimes de verdade. Foucault (1993, p. 131) diz que:

> Cada Sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir entre sentenças verdadeiras e falsas, os meios pelos quais cada um deles é sancionado; as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o *status* daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro.

Diante do exposto, podemos compreender que o discurso é uma atividade complexa, e que o texto, ou mesmo a palavra, pode apresentar vários sentidos, o que permite considerar os mais variados aspectos na cadeia da significação, partindo do semântico para o discursivo, em prol da compreensão da finalidade dos sentidos no dizer.

1.3.1 O sujeito do discurso

O sujeito do discurso, até então descartado pelo estruturalismo, uma vez que é subordinado ao código linguístico, com os estudos pragmáticos é visto como indivíduo enunciador e consciente. Na AD de linha francesa, passa a ser concretizada a relação sujeito-ideologia, encontrado em dois lugares, uma parte, na psicanálise, em que o sujeito é visto como descentrado, distante do sujeito consciente; e a outra parte desse sujeito do inconsciente é encontrada no materialismo histórico, na ideologia de Althusser, constituído pela linguagem material e repreendido pela ideologia.

Para tanto, Paul Henry (1992, p. 188) explica que "O sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente, e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação." Ou seja, o sujeito discursivo coloca-se, estrategicamente, entre sujeito da ideologia e o sujeito da psicanálise, ambos constituídos materialmente pela linguagem.

Baseando-se nos estudos da AD, Fernandes (2008, p. 24) afirma que "A voz desse sujeito revela o lugar social, logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade histórica e social". Assim, o sujeito assume um papel histórico-social, uma vez que está centralizado no mundo que o cerca e sempre será apreendido num espaço coletivo. Ou seja, o sujeito na AD não é entendido como um ser humano individualizado, mas um ser

social compreendido em um espaço coletivo. Sendo assim, o sujeito é constituído por diversas vozes sociais e não representa apenas um momento em particular, mas é constituído por uma série de eventos discursivos. Entre as muitas estratégias sociais de controlar a maneira de ser do indivíduo, a família é de suma importância para formar o sujeito e moldar seu discurso.

A constituição do sujeito discursivo é marcada por uma heterogeneidade que decorre de sua interação social, ocupando diversas posições no texto. Um indivíduo que tem a possibilidade de assumir o papel de diferentes sujeitos é de fato um "eu" pluralizado, pois se constitui na interação verbal. Sobre a multiplicidade do sujeito, Orlandi (1988, p. 11) explicita que, "é múltiplo porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz parte, porque representa vários papéis".

A condição de sujeito é entendida como um jogo de relações. Esta condição passa por inúmeras transformações em diversos tipos de enunciação, e influencia na ocupação por diversos indivíduos em diferentes lugares ou no mesmo lugar. Os sujeitos, marcados por suas ideologias, se entrecruzam com discursos de outros sujeitos, dos quais se diferenciam.

Numa comunicação entre os textos e discursos produzidos em sociedade podemos encontrar múltiplos sujeitos que inclui seus discursos em outros constituindo a polifonia através da linguagem. De maneira interativa, o sujeito é um construtor social, ou seja, o indivíduo interage com o outro, dando a oportunidade de expor suas visões de mundo. Dentro do discurso, as estratégias discursivas se confrontam de diversas maneiras, os textos se misturam em vozes, cores e informações, que produzem diferentes efeitos de objetividade e subjetividade. Desse modo, o sujeito revela, a cada discurso, características de sua subjetividade e, portanto, de sua identidade e, é o sujeito do discurso que tem a capacidade de criar sentidos, dar significado às coisas. Ele é dominado pela formação discursiva na qual seu discurso está inserido.

Nesta perspectiva, com base na visão da AD, a noção se sujeito não se dissocia da de ideologia, pois o sujeito aqui referido não é um ser individualizado, mas coletivo e socializado.

1.3.2 O tempo e o espaço: o contexto

Tendo em vista que um mesmo discurso pode haver diferentes sentidos, não podemos deixar de considerar o contexto, que pode ser explícito (apresentado de maneira clara) ou

implícito (manifestado de modo oculto). Segundo Fiorin e Platão (2006, p. 14), contexto "[...] é a unidade maior em que uma unidade menor está inserida". Assim, o sentido do discurso não se encontra apenas na estrutura interna do texto. Mas, também, na sociedade onde o indivíduo se insere enquanto sujeito de uma classe social, que fala de lugares sociais em que permeiam formações discursivas.

Entendemos por contexto a relação entre o texto e as informações sócio-históricas e culturais que ancora o discurso. Segundo Gumperz ([1982] 2002), enquanto indivíduos de uma interação - face a face – utilizamos pistas contextuais baseadas em informações sócio-históricas e sociais. Podemos acrescentar à ideia de Gumperz, inúmeras metáforas espaciais que são associadas à análise marxista e à teoria estruturalista, sendo a primeira direcionada ao espaço ao modo de produção, capitalismo; e a segunda ligada ao espaço de realização das múltiplas identidades.

Essa noção de espaço pode ser relacionada à noção de gênero, se nós compreendermos que, aos homens, cabe espaço mais central, restando às mulheres espaços periféricos, sendo mais especificamente, um espaço vazio. Esses espaços vazios podem ser exemplificados no espaço da reprodução biológica, uma vez que os corpos femininos são vazios até serem preenchidos pela maternidade e, também, nas relações afetivas, visto que à mulher cabe o papel de mantenedora do bem-estar do homem.

Neste sentido, os espaços são os lugares determinados na estrutura de uma formação sócio-histórica e cultural, representados no discurso de cada indivíduo.

1.4 ANÁLISE DO DISCURSO

A segunda metade do século XX é marcada por pesquisas em diferentes áreas de estudo da linguagem: a Pragmática, a Teoria dos Atos de Fala, a Semântica Argumentativa, entre outros. Entre essas pesquisas, em fins da década de 1960, surge a Análise do Discurso de linha francesa, iniciada com a publicação da tese do filósofo Michel Pêcheux, *Análise Automática do Discurso*, em 1969. Pêcheux iniciou a Análise do Discurso na França, e torna-se seu principal articulador, em uma época que coincide com o auge do estruturalismo, como paradigma de formatação das ideias e das coisas da intelectualidade francesa.

Conhecida por AD, a Análise do Discurso surge com o avanço dos estudos linguísticos que se constitui pela relação entre três campos do conhecimento: a Linguística, com a

problematização do corte saussuriano[1]; o Marxismo, por meio das questões ideológicas e a releitura althusseriana de Marx; e a Psicanálise, com a releitura lacaniana de Freud. Assim, caracteriza-se como teoria interdisciplinar desde seu princípio.

Vista como instrumento de leitura, a AD como linha de pesquisa, rompe com pressupostos da Linguística, especificamente com os da Linguística Formal, por defender um componente semântico que visa o sentido. A AD analisa os textos do ponto de vista linguístico, situacional, pragmático e ideológico, possibilitando a compreensão do sentido, uma vez que não se limita apenas à linguística da frase, mas passa a se preocupar com a linguística de texto, a partir das condições sócio-históricas de produção, ou seja, há uma relação entre o discurso e suas condições sociais e históricas de produção, que permitem determinados efeitos e não outros.

Em busca de questionamentos acerca das análises de conteúdo[2] exercidos pela Linguística Estrutural, a AD surge como proposta teórica de leitura, ou seja, extrai sentidos dos textos restringindo os processos estruturais, que não consideram o contexto sócio-histórico-cultural em que se situa o texto e o leitor. Sobre isso, Possenti (2007, p. 258) afirma que "[...] a Análise do Discurso é uma teoria de leitura, [...] que se institui rompendo fundamentalmente com a análise de conteúdo, por um lado, e com a filologia (e também com a hermenêutica), por outro".

Podemos caracterizar a AD pelo rompimento a toda uma conjuntura política e epistemológica e pela necessidade de unir-se a outras áreas das ciências humanas, especialmente a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise, preocupando-se em observar os enunciados, considerando o contexto sócio-histórico-cultural e estabelecendo relações através de outros enunciados, com base no interdiscurso e na memória social. Assim, a AD vai investigar os enunciados através dos discursos e dos sujeitos sociais, descentrando-se da estrutura em sua organização, e visando o atravessamento da ideologia, da memória social e do contexto histórico-cultural.

---

[1] Para Guimarães (2002, p. 20), "O corte saussureano exclui o referente, o mundo, o sujeito, a história. A Semântica de nosso século vem procurando repor esses aspectos no seu objeto. O corte saussureano exclui e dá o quadro da pertinência para o excluído. A questão é como incluí-lo. E isto só pode se dar a partir desse mesmo corte, que ao formular-se escapa da hipótese de que a língua expressa o pensamento, pois o signo de Saussure (lembrar o conceito de valor) não admite um pensamento noutro lugar que se expresse pela linguagem".

[2] Bardin (1979, p. 42) explica análises de conteúdo como "um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens".

Podemos entender que na AD há uma busca para compreender a língua fazendo sentido, ou seja, uma teoria de interpretação e busca de sentidos, que visa tanto para o que está dito, quanto para o que não está dito. A AD considera a relação língua-discurso-ideologia, em que o indivíduo é transformado em sujeito pela ideologia e, assim, a língua faz sentido.

Devemos observar, também, que o não dito pode revelar muito mais sobre o texto, visto que na Análise do Discurso interpretar não é, apenas, atribuir sentido, mas explicar como um objeto simbólico produz sentido. Em Orlandi (2002, p. 26), a compreensão na AD é explicada da seguinte maneira:

> a Análise do Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investindo de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura.

Com base nessa explicação de Orlandi (2002), podemos entender que o objetivo da AD é mostrar como ocorre a produção de sentido dos objetos simbólicos, e que essa produção não se limita à interpretação, mas considera seus limites como parte de significação.

No que se refere à análise de textos, a AD tem contribuído significativamente, através de métodos, em que desvenda e descreve as estruturas textuais, buscando chegar às condições de produção do discurso através da análise das formações ideológicas. Para isso, a AD se focaliza no sujeito inserido em uma conjuntura sócio-histórico-cultural.

1.5 IDEOLOGIA

A ideologia existe em todas as camadas sociais, seja no meio familiar, escolar ou profissional, em que os sujeitos são orientados a enquadrar-se aos mesmos princípios. Na intenção de produzir evidências, a ideologia coloca o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. Como um conjunto de ideias e pensamentos de um sujeito ou de um grupo de indivíduos, a ideologia pode, assim, estar ligada às ações políticas, econômicas e sociais.

Muitos teóricos fizeram colocações a respeito da ideologia, no entanto, essa terminologia é, ainda hoje, uma noção confusa de se abordar, tendo em vista a dificuldade de encontrar um único conceito que defina ideologia na ciência social. De todo modo, o conceito

de ideologia que prevaleceu se refere à tradição marxista, relativo ao critério de verdadeiro e falso.

Em seu significado literal, segundo o conceito encontrado no dicionário de Luft (2001, p. 374), ideologia é "tratado ou ciência da formação das ideias"; "conjunto de ideias, crenças, convicções que orientam as ações." No entanto, há uma grande divergência no que diz respeito ao conceito de ideologia entre os pensadores, uma vez que há uma série de contradições, arbitrariedades e equívocos para encontrar uma única definição para tal conceito.

Entre os estudiosos que conceituaram ideologia, Karl Marx retomou o conceito inventado por Destutt de Tracy que define ideologia como o estudo científico das ideias, que são resultado da interação entre o organismo vivo e a natureza. Chauí (1981) expõe que o termo "ideologia" foi criado na obra *Elements de Idéologie,* pelo filósofo Destutt de Tracy, no ano de 1801. Surgiu com o intuito de analisar o ato de pensar, colocando as ideias como resultado da relação entre natureza e organismo vivo.

No início do século XIX, Marx, no livro "*A ideologia Alemã",* conceituando ideologia sob o sentido negativo, visto que consiste em partir das ideias para se chegar à realidade. Ou seja, uma concepção idealista, sob a qual geraria a inversão da realidade, em que as ideias passam a ser mecanismos da vida real, pensamento deformado da realidade, visando interesses da classe dominante. Marx & Engels (1965, p. 14) explicitam sobre ideias da classe dominante da seguinte maneira:

> Na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de época histórica, é evidente que os façam em toda a sua extensão e, consequentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de ideias de seu tempo e que suas ideias sejam, por isso mesmo, as ideias dominantes da época.

Nesta perspectiva, observamos que prevalece como instrumento de dominação a ideologia da classe burguesa, uma vez que impõe seus pensamentos como ideal de todos.

Vários outros pensadores também abordaram a temática da ideologia. Seguindo os preceitos marxistas, Althusser (1970) explica que ideologia, enquanto prática da classe dominante é o jogo de poder estruturado pelas instituições, subdivididas pelo pensador em dois grandes grupos: Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), que são a igreja, a escola, a família, a justiça, a política; e os Aparelhos Repressores do Estado (ARE), que são o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, etc. Para manterem essa dominação, os Aparelhos do Estado fazem uso de mecanismos de exploração no sentido

material, ideológico e político. Entre esses aparelhos, a família, a igreja e a escola são as instituições mais poderosas que a sociedade utiliza para manipular o indivíduo através do estado.

A título de exemplo, em Quino, as tiras da Mafalda comportam grande carga ideológica, impostas em valores que influenciam a crença e o poder da classe dominante postulada em Marx.

Fiorin (1988, p. 9-31) apresenta ideologia junto à classe dominante quando diz que:

> [...] ideologia [...] é uma visão de mudança e há tantas visões de mundo numa dada formação social quantas forem as classes dominantes (sendo que) cada uma das visões de mundo apresenta-se num discurso próprio. [...] Há ainda uma coisa muito importante que não devemos esquecer. Embora haja, numa formação social, tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais, a ideologia é da classe dominante.

Podemos perceber que o poder ideológico nas tiras da Mafalda acontece em diversos momentos, visto que os pais e os amigos da menina Mafalda acabam reproduzindo as concepções e normas de conduta da classe dominante que lhes foram impostas.

Outro pensador que postulou sobre ideologia foi Pêcheux (1995). Sob a influência dos conceitos de Althusser, disse que a ideologia gera uma relação língua-discurso-ideologia, uma vez que se materializa no discurso por meio da língua. O pensador, ainda, alegou que não há discurso sem sujeito e sujeito sem ideologia. A partir dos anos 80, aproximou-se das ideias dos historiadores da Nova Era (Jacques Legoff e Pierre Nova) e da Psicanálise de Lacan, reformulando seus conceitos, aproximando-se do conceito de Foucault, a respeito de formação discursiva e dos estudos de Voloshinov e de Medvedev sobre heterogeneidade discursiva e a alteridade.

Corroborando com as ideias marxistas, Bakhtin/Medvedev (2003), ao postular sobre ideologia, compreendida como dominante, refere que a ideologia é construída na interação social com as condições de produção. Neste sentido, há uma estreita relação entre linguagem e ideologia, visto que é por meio da e na linguagem que a ideologia se materializa. Ou seja, todo comportamento linguístico pressupõe uma intenção, que se dá a partir de uma posição ideológica.

Bakhtin/Voloshinov (1992, p. 96) considera que é impossível separar a ideologia da língua: “A língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida”. Nesta perspectiva, entendemos que é através da língua que se estabelecem a cultura, a

religião e a organização política de uma sociedade. A ideologia é construída na vida cotidiana e interpretada pela força dos pontos de vista exercidos na vida social dos sujeitos.

1.6 IDENTIDADE

Emília Pedro (1997, p. 157) declara que é a subjetividade e suas dimensões que definem a identidade do sujeito, uma vez que:

> A formação do sujeito toma lugar dentro de uma rede de indicadores que estão associados a uma série de categorias biológica, social e cultural como idade, gênero, etnicidade e classe. De fato, a diferentes dimensões do indivíduo, ambas objetivas e subjetivas, ambas sociais e culturais, parecem ser aspectos irredutíveis de seu/sua identidade.

A partir dessa concepção, notamos que o desenvolvimento dos gêneros e a construção da identidade são produzidos no discurso e pelas relações culturais e sociais que acontecem desde o momento do nascimento do indivíduo. Portanto, é de suma importância o papel da família na formação discursiva e da identidade, uma vez que é nesse meio que a criança inicia suas relações socioculturais e desenvolve o diálogo entre as gerações.

A construção da identidade de determinado sujeito, seja ele homem ou mulher, começa pelo reconhecimento de si mesmo e não deve ser limitada e predefinida pelo gênero, mas híbrida e inconstante, uma vez que adota traços pessoais, culturais e contextuais.

Segundo o antropólogo Roberto da Matta (1996, p. 35),

> De todos os seres vivos, o homem é o único que tem a obrigação de fazer-se a si mesmo, de construir-se, de constantemente perguntar quem é, e qual o sentido da vida. [...] O homem tem de lutar pela vida, como todos os outros seres vivos, mas só pode realizar essa luta se sabe quem é: se tem identidade. Os animais não mudam [...]. Mas nós, humanos, vivemos a nossa sociedade e o nosso tempo. Somos acima de tudo maleáveis [...]. Por isso, precisamos de valores que nos definam e nos orientem. [...] Todos os homens têm uma identidade que recebem dos diversos grupos em que vivem. E cada sociedade busca fora e, sobretudo, dentro de si mesma, (na sua fantasia, nos seus mitos e ritos, crenças e valores) as fontes de sua identidade.

Nesta perspectiva, frente às questões do passado, a repressão da mulher foi liberta pela noção de independência da atualidade. Assim, a mulher constrói sua identidade, através de um processo que se sobrepôs em diversos seguimentos na sociedade, conquistando um grande espaço que não se limita à submissão masculina, que a enxerga apenas como mãe e

doméstica, no entanto, aparenta estar cada vez mais presa às questões de estética, fator que as tornam distantes de dos problemas sociais.

Na delimitação de *corpus* da nossa análise, podemos observar como se dá o diálogo entre duas gerações e a constituição da identidade das personagens nas tiras da Mafalda, a partir do confronto de valores e estereótipos que ocorrem em determinado contexto.

1.6.1 A construção social da Identidade Feminina

Um dos estudos sobre grupos humanos, especificamente, os de gênero feminino tem se destacado dentre as pesquisas interdisciplinares e interculturais, discutindo sobre o papel da mulher na relação família, embora sejam poucos os registros sobre sua identidade e história, uma vez que as mulheres tiveram suas vozes silenciadas ao longo da história da humanidade.

Com a globalização, os sujeitos são influenciados por inúmeras transformações políticas e culturais, que inovam a estrutura de vida de homens e de mulheres, independentemente de condições socioeconômicas. Em decorrência dessas transformações que modificam aspectos da intimidade dos sujeitos e o modo de ser de cada um deles, existem dificuldades para definição de identidade, em particular, para o gênero feminino, devido ao descompasso em relação à evolução, resultando em dificuldades para a construção da identidade feminina. Essa construção social da identidade feminina é resultante de vivências culturais e momentos históricos específicos, que influenciam na maneira de pensar e de agir.

Ao longo da história da humanidade, diversos períodos marcaram intensamente a construção da identidade, como exemplos, a valorização espiritual na Idade Média, a descoberta dos valores humanos no Renascimento, a valorização intelectual no Iluminismo, entre outros, que foram de suma importância para a construção da identidade.

Devido a certos tabus inseridos no discurso, que são muitos mais intensos ao gênero feminino, por sua suposta natureza frágil e dependente, têm-se construído uma identidade feminina reprimida pelos cuidados morais da sociedade.

No decorrer da história, os papéis atribuídos aos indivíduos de cada gênero contribuíram para a competição de poder. Sobre essa competição, Hofstede (1991, p. 101) declara que:

> Encontramos uma tendência comum na maior parte das sociedades, modernas ou tradicionais, no que diz respeito à distribuição dos papéis

> sociais segundo o sexo. Os homens devem estar ligados a atividades exteriores ao lar: à caça e à guerra nas sociedades tradicionais e o equivalente, traduzindo em termos econômicos nas nossas sociedades modernas. Resumindo, os homens devem ser firmes, competitivos e duros. As mulheres devem tratar do lar e das crianças, dos outros e em geral: devem adotar os papéis 'ternos'. A origem desta distribuição não é fácil de imaginar: as mulheres davam à luz suas crianças, alimentavam-nas e eram, portanto obrigadas a permanecer perto delas durante algum tempo. Os homens tinham mais liberdade de movimento, sempre que tinham de proteger as mulheres e os filhos de ataques exteriores.

De certa forma, mesmo existindo um desejo de resistência, há um determinismo histórico-cultural na construção dos papéis sexuais, que interfere na mudança social referente à identidade feminina.

Responsabilizando as mulheres pelos cuidados domésticos e familiares, a sociedade moderna reforça inconscientemente a filosofia rousseauriana, fazendo-as descartar a necessidade de letramento e, aumentando a diferença entre homens e mulheres, no entanto, essa realidade tem mudado com o passar do tempo, no que diz respeito à ascensão da mulher e a distribuição dos gêneros nas profissões.

Visto que, é na base familiar onde a identidade de gênero é construída, a divisão de papéis entre os pais reflete os valores e crenças familiares e cada família possui regras e valores próprios. No entanto, há uma linearidade oculta, que é tida comum na prática pedagógica familiar ocidental, uma vez que as meninas ganham brinquedos que as incentivam ao aprendizado doméstico e maternal. Os meninos, por sua vez, aprendem a conterem aos seus sentimentos, revidar ataques externos e atentar sexualmente ao sexo oposto. Sendo assim, no que diz respeito à construção da identidade de gênero, sua construção se dá no contexto social, no comportamento aprendido com a família e com demais instituições sociais. A esse respeito, Emília Pedro (1997, p. 160) compreende a formação da identidade devido à:

> Uma tarefa realizada pelo sujeito juntamente com outros sujeitos, tais como pais, professores, amigos e parentes. Identidade, então, também implica trabalho, exatamente como o trabalho artístico é produto de práticas criativas. Mas de modo diferente da maioria dos trabalhos de arte, a identidade nunca está completa.

Podemos compreender que o mundo social constrói a realidade sexual e impõe seus princípios sexuais. Sendo assim, devemos distinguir conceitos entre sexo e gênero, uma vez que, distintamente do sexo, o gênero é um produto social representado ao longo de gerações,

em que cada um de nós nos identificou, pois existe a questão de identidade em jogo. Sendo assim, enquanto o sexo é biologicamente determinado, o gênero é socialmente construído em cada sociedade, superando os estereótipos atribuídos aos papéis.

Construída em processo contínuo, a identidade de hoje não é constituída pelas características identitárias de ontem. Mas é socialmente construída pelas práticas discursivas, cujo discurso é produto da cultura que a construiu. Assim, a identidade feminina é produto social e reflexo do olhar do outro, definida pelo discurso de seu interlocutor, que ainda herda uma visão de que ao gênero feminino cabe uma posição inferior na organização social.

Nas tiras da Mafalda, Quino apresenta essa dicotomia dos gêneros de modo direto e indireto, pois a crítica do autor muitas vezes aparece de forma cômica, através de recursos próprios do gênero tira.

1.6 TEORIAS DO SENTIDO: AS SEMÂNTICAS E AS PRAGMÁTICAS

Desde meados do século XX, os linguistas descontentes com as abstrações teóricas realizadas pelo estruturalismo e pelo gerativismo voltam seus estudos para os fatores pragmáticos, que influenciam nossas escolhas linguísticas na interação social e os efeitos de nossas escolhas sobre as outras pessoas, devido à exclusão de fatores importantes como o sujeito, a variação linguística, o uso e o contexto extralinguísticos, dos estudos linguísticos, antes da chamada virada pragmática[3].

No decorrer do século XX, os estudos linguísticos seguem novos caminhos: a Semântica e a Pragmática, que objetivam como estudo a significação e o sentido na linguagem. Estes novos segmentos são aplicados até os dias hoje aos estudos linguísticos: a semântica formal, a semântica da enunciação e a pragmática. Em seus postulados, Guimarães (2006) apresenta como estes três segmentos abordam o sentido, que se organizam em cinco modos de considerar a significação. Guimarães (2006, p. 117) faz uma síntese destes cinco modos da seguinte maneira:

> a) uma relação na estrutura da língua; b) uma relação da língua com o mundo; c) a intenção de quem fala; d) a colocação em funcionamento da

[3] A virada pragmática se deu a partir da necessidade de ir além da abordagem sintático-semântica, os linguistas viram o texto como unidade básica para a interação humana. Assim, a perspectiva pragmática foi sendo cada vez mais explorada nas pesquisas sobre o texto, na qual procurava integrar fatores contextuais na descrição de textos, visto que a pragmática era tomada como ponto principal para essa descrição.

> língua pelo locutor; e) a relação do funcionamento da língua com suas condições sócio-históricas.

Em seguida, Guimarães (2006, p.117) explicita sobre as combinações destes cinco modos de considerar o sentido, que resultam nos três segmentos de estudos semântico-pragmáticos da atualidade:

> A *semântica formal* toma a posição referencialista basicamente, o sentido é uma relação da linguagem com o mundo, e a significação é tratada a partir de um conceito de verdade, no sentido lógico. A *semântica da enunciação* combina a consideração da língua como uma estrutura. [...] Pode também considerar a relação do funcionamento da língua com suas condições sócio-históricas. [...] A *pragmática* toma a questão da intenção como fundamento do sentido. [...] Esta posição pode também, e o faz com freqüência, considerar que o conceito de verdade é fundamental no modo de tratar o sentido. (GRIFOS DO AUTOR)

Na mesma linha de Guimarães, encontramos os apontamentos de Oliveira (2001), que também aborda os estudos de sentido em três vertentes, aprofundando-se na Semântica Formal, em que a sentença se estrutura logicamente, a partir do conceito de verdade; na Semântica da Enunciação, em que a linguagem é um meio de alcançarmos, fora da linguagem, uma verdade, criada a partir de nossas interlocuções; e na Semântica Cognitiva, que descreve a significação como algo motivado, que emerge de nossas significações corpóreas em interação com o meio. A autora mostra como são tratados os fenômenos da pressuposição e dos subentendidos nestas três Semânticas.

Seguindo a vertente dos estudos semânticos, Sá (2010) aborda, de maneira sucinta e brevemente histórica, a Semântica do Léxico, que também parte do estruturalismo. Tal Semântica menciona a significação como a relação entre as palavras, gerando, assim, o sentido; categorizando essas relações em Semânticas e Gráfico-fonéticas. Entre estas relações estão: a Homonímia, a Sinonímia, a Polissemia, a Ambiguidade e a Antonímia.

Aos estudos pragmáticos, cabem as questões de uso da linguagem atendendo ao contexto em que é produzida, no qual interagem fatores linguísticos e extralinguísticos. Como uma vertente da linguística, a pragmática estuda a linguagem no contexto de seu uso na comunicação, em que o sentido ganha forma no campo situacional. A pragmática aposta nos estudos da linguagem, considerando, também, a fala e não apenas o uso da língua isolada de sua produção social. Neste sentido, a interação que existe entre quem fala e quem ouve, os elementos sócio-históricos como aporte para o enunciado, e as consequências de tal uso, são pontos de interesses dos estudos pragmáticos até os dias de hoje.

Em 1938, Charles Morris iniciou um estudo pragmático mais aprofundado, que relaciona a linguagem a seus falantes. Para ele, a pragmática estuda o uso da linguagem atendendo ao contexto em que é produzida, no qual interagem fatores linguísticos e extralinguísticos: os fenômenos psicológicos, biológicos, sociológicos que ocorrem no funcionamento do signo. Seguindo esta vertente, Fiorin (2005, p.161) postula que "A pragmática é a ciência do uso linguístico, que estuda as condições que governam a utilização da linguagem, a prática lingüística".

Partindo dos postulados de alguns teóricos, entendemos a Semântica e a Pragmática como vertentes da linguística que têm como objeto de estudo o sentido na linguagem. Essa linguagem é passível de muitos sentidos e interpretações, através de seus valores simbólicos.

A semântica é o estudo do sentido linguístico, de seu modo de relação com os objetos a que se referem e do valor de verdade das sentenças em que se articulam e que se referem a fatos na realidade; diz respeito, portanto, ao conteúdo significativo dos signos. A pragmática, por sua vez, diz respeito à linguagem em uso, em diferentes contextos, tal como é utilizada por seus usuários para a enunciação.

Há teóricos que expõem sobre a complexa distinção entre semântica e pragmática. Em suas teorias, Moura (2000, p. 66) sintetiza bem o problema que diz respeito à prática de partir a significação entre a semântica e a pragmática com base no conceito de contexto. Em suas palavras, o autor afirma que

> A fronteira entre semântica e pragmática é normalmente traçada a partir da noção de contexto. A significação que depende de contexto é colocada no campo de pragmática; o problema é que uma definição precisa de contexto raramente é fornecida, e a divisão entre semântica e pragmática continua muito fluida.

Ainda sobre esta questão, Perini (1985, p. 46) afirma que: "O estudo do significado literal é geralmente chamado 'semântica'; o estudo dos fatores que modificam esse significado literal (para aqueles que colocam assim a questão) é colocado na 'pragmática'".

Sobre os sentidos contidos em nossos enunciados, entendemos que podem ser explícitos: expressos claramente; ou implícitos: que não são expressos claramente. Esta última categoria subdivide-se em fenômenos chamados pressupostos, que são dados apresentados como indiscutíveis, sendo os mesmos, marcados linguisticamente; e os subentendidos, que são insinuações por trás de uma afirmação, que ao contrário dos pressupostos, não são marcados linguisticamente, sendo estes de responsabilidade do leitor/receptor da mensagem.

Alguns dos teóricos supracitados também mencionam sobre a pressuposição, são três definições diferentes, mas que podem ser relacionadas. Guimarães (2006) descreve a pressuposição como um implícito de modo muito particular, que varia segundo a ligação à lógica, à pragmática ou aos estudos enunciativos. Em Oliveira (2001), a pressuposição é descrita como significados que se transferem de um espaço mental para outro. E, por fim, em Sá (2010), a pressuposição parte da ideia de que a verdade de um enunciado é condição para a verdade ou falsidade de um segundo enunciado.

Sob a ótica linguística, podemos concluir que a linguagem seja uma variável fundamental nos processos de convivência física e social, que organiza as ideias sobre a realidade que nos cerca. Neste processo de renovação dos estudos linguísticos, incluiremos as categorias advindas da Semântica para uma nova forma de abordar a linguagem. O discurso/enunciado é o resultado da soma de nossas experiências na relação com o outro e com o meio, converte nossa ideologia e nos faz ser mais que falantes: sujeitos.

CAPÍTULO II

2 ACERCA DO OBJETO DE ESTUDO

2.1 GÊNEROS DO DISCURSO

Os gêneros do discurso estão inseridos em todo o meio social, por isso é relevante refletirmos sobre sua importância para a comunicação oral e/ou escrita.

Já compreendemos a existência de características comuns que identificam um enunciado linguístico como um texto, no entanto, há os diferenciais que nos permitem perceber a diversidade de "espécies de textos". Em Bronckart (1999), as "espécies de texto" surgem para atender as necessidades, visando cumprir diferentes funções sociais. Bronckart (op. cit. p. 73) afirma que "qualquer *espécie de texto* pode atualmente ser designada em termos de gênero e [...], portanto, todo exemplar de texto observável pode ser considerado como pertencente a um determinado gênero".

Segundo Marcuschi (2008, p.155), gêneros discursivos, que o autor define por gêneros textuais

> são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sócio-comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. [...] Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

Visto isso, podemos dizer que gêneros discursivos são as diversidades de textos, cada um com sua estrutura e função, que circulam em diversos suportes. Não sendo apenas um fato linguístico, mas um fenômeno social que se manifesta em uma situação sócio-histórica e comunicativa. E são flexíveis, a ponto de determinado gênero dar origem a outro. Na interação comunicativa, a escolha de um gênero discursivo é feita a partir das condições de produção, em que devem ser considerados os sujeitos, o discurso e o contexto no qual foi produzido. Assim, essas condições são necessárias para que haja a delimitação dos gêneros, pois são completamente adaptáveis a qualquer nova situação que venha exigir uma produção textual.

Além de Bronckart (1999) e Marcuschi (2008), podemos encontrar definições para gêneros discursivos em postulados de diversos autores, que apresentam como ponto de partida os postulados de Bakhtin/Medvedev/Voloshinov, filósofos da linguagem, que em suas teorias afirmam que a noção de gênero está relacionada ao âmbito das interações sociais, nas quais são observadas as formas enunciativas configuradas nos textos que desempenham uma função social. Sendo assim, existe uma organização verbal em toda situação comunicativa, na qual, em um contexto de interação têm por finalidade produzir efeitos de sentido sobre o interlocutor.

O estudo dos gêneros do discurso é bastante amplo, pois a atividade humana está ligada ao uso da linguagem. Bakhtin/Medvedev ([1979] 2003, p. 279) afirmam que:

> Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana.

Sendo assim, a noção de gênero é formada no âmbito das interações sociais, uma vez que os indivíduos se comunicam através de enunciados, materializados em gêneros (orais e escritos) e, essas formas enunciativas dos textos desempenham uma função social, dentro de determinado contexto sócio-histórico-cultural.

Sobre a diversidade dos gêneros, Bakhtin/Medvedev (2003, p. 302) escreve que: "A diversidade desses gêneros deve-se ao fato de eles variarem conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros".

Possenti (2009, p. 11), ao discorrer sobre tal assunto, afirma que:

> falamos sempre em um gênero, por meio de um gênero. A melhor prova disso é o fato de que dizemos, por exemplo, que estamos lendo um *romance* ou um *conto*, que ouvimos uma *notícia*, que aprendemos uma *receita*, que demos uma *bronca* ou ouvimos um *elogio*. [...] Em suma: falando ou escrevendo, lendo ou ouvindo, sempre se trata de gêneros. E é um fato relevante que cada sociedade crie e mantenha ou abandone os seus conforme sua 'necessidade'. (GRIFOS DO AUTOR)

Para exprimir a cultura, os indivíduos de uma sociedade organizam seus pensamentos através dos gêneros do discurso. Possenti (2009, p. 13-14) ainda esclarece que:

> Para que um texto seja um exemplar de um gênero, é preciso que ele, ao mesmo tempo, seja produzido, circule e seja 'recebido' [...]. Por exemplo, para que um gênero seja um sermão, é preciso que ele circule na esfera

> religiosa; [...] para que seja um ofício, que circule na esfera administrativa; [...] para que seja um poema, que circule na esfera literária.

Desse modo, podemos afirmar que, todo gênero do discurso precisa ser veiculado a partir de um suporte. Além disso, o texto possui características sócio-comunicativas, que leva em consideração o canal, as funções, o estilo, sua composição e os conteúdos que veicula. Portanto, o propósito de um texto é um dos principais aspectos para defini-lo.

Os gêneros passam por contínuas transformações, uma vez que as atividades humanas são dinâmicas e mutáveis. A dinamicidade está presente na modificação de gêneros que surgem a partir de outros, de acordo com as necessidades e as cobranças tecnológicas que chegam a todo instante. Essas modificações que os gêneros discursivos sofrem ao longo do tempo, acompanham o processo sócio-histórico da sociedade. Segundo Marcuschi (*apud* DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2003, p. 19), os gêneros "[...] caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação tecnológica". Sendo assim, de acordo com as necessidades funcionais de nossa sociedade vão surgindo novos gêneros, como também, desaparecem.

2.1.1 O gênero Tira

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, cabe apresentarmos brevemente o gênero a ser analisado: a tira é um gênero textual que representa um meio de comunicação de massa, as publicações do gênero circulam em vários meios de comunicação, essa popularidade se justifica pela composição desse gênero discursivo, que conjuga texto e imagens com o objetivo de narrar histórias, isto é, a tira apresenta os dois códigos, o verbal e o visual, os quais estão em constante interação e garantem que o enunciado seja entendido com praticidade. Esses códigos são importantes para o entendimento do sentido, que se dá na interação de linguagens distintas, mas, de certa forma, complementares: o código verbal e o código visual.

O objetivo discursivo deste gênero é causar o riso nos interlocutores, por meio de sátiras que abordam aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos, enfrentados pelos mesmos. E, para alcançar este objetivo, descrevem o contexto da ação e da realização da fala por meio de ilustrações que traduzem o cenário e as circunstâncias enunciativas. Para que haja

a leitura do humor são necessários saberes compartilhados no mundo social e um saber semântico-pragmático-discursivo, que acontece de maneira intuitiva sem que o leitor se dê conta dos mecanismos utilizados para a compreensão dos textos.

O gênero tira é uma narrativa que permite ao autor a construção de críticas sobre temas sociais, que sugere no leitor a formação de opinião sobre essas críticas. O autor das tiras faz uso de vários significados para brincar com a mente do leitor e levá-lo ao riso, uma vez que o efeito de sentido causado nas tiras, na maioria das vezes, está associado à multissignificação da palavra, sendo um dos mecanismos do riso. Este riso provocado pelo humor rompe com o simples entretenimento, transformando o discurso implícito e explícito em protesto atemporal aos problemas sociopolítico e cultural da humanidade. Nesse gênero discursivo, há uma comunicação sobre ideias e opiniões de maneira bastante inteligente e, muitas vezes, até mesmo bem-humorada.

As imagens auxiliam no significado do texto verbal. A linguagem utilizada pode variar de acordo com o público alvo, mas é sempre crítica, criativa, engraçada e, sobretudo, com inúmeras marcas linguísticas, marcada pelo uso da função apelativa dos jogos de palavras. Portanto, podemos caracterizar o gênero tira, segundo os postulados apresentados por Mendonça (2003, p. 199):

> As tiras são um subtipo de HQ; mais curtas (até 4 quadrinhos) e, portanto, de caráter sintético, podem ser sequenciais (capítulos de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia). Quanto às temáticas, algumas tiras também satirizam aspectos econômicos e políticos do país, embora não seja tão "datada" como a charge. Dividimos as tiras fechadas em dois subtipos: a) tiras-piadas, em que o humor é obtido por meio das estratégias discursivas utilizadas nas piadas de um modo geral, como a possibilidade de dupla interpretação, sendo selecionada pelo autor a menos provável; b) tiras-episódio, nas quais o humor é baseado especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens. [...] Como elementos típicos, a HQ apresenta desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas, onde é inserido o texto verbal.

Há uma interação entre as personagens das tiras que produzem humor e críticas sociais. Essas personagens assumem a palavra sob o apoio das imagens que auxiliam na tradução do cenário e das circunstâncias enunciativas. Nesse sentido, os enunciados configuram aspectos que os distinguem dos textos puramente verbais. As expressões dos personagens servem para que o leitor se especifique em pontos dos quais o autor sugere um olhar crítico. Em seus postulados, Patati e Braga (2006) observam que enquanto uns leitores acham graça em alguma passagem nas tiras, outros refletem sobre a crítica exposta. Visto essa

interação entre produção de humor e crítica social, os autores ainda questionam se as personagens da tiras da Mafalda, entre outros são leituras apenas para crianças.

As tiras são compostas por ilustrações que representam cenários, gestos e expressões das personagens. Além das informações ditas nos balões, existe um espaço do não verbal que compõem implícitos responsáveis pela produção do humor.

Analisar a linguagem nas tiras teve seu apogeu por volta da década de 1990. Diversos livros didáticos de Língua Portuguesa dedicaram seções à análise de implícitos presentes na fala das personagens, que também apareceram com frequência nas provas de interpretação de textos dos vestibulares, questões sobre procedimentos discursivos utilizados pelos autores das tiras para promover o humor. Assim, incorporadas ao universo didático, essas práticas são resultado de um novo paradigma teórico apoiado nos estudos linguísticos, por assim dizer, fundados por alguns estudiosos como Bakhtin/Voloshinov/Medvedev, Benveniste e Ducrot.

O gênero tira faz parte dos gêneros jornalísticos. Entre esses gêneros, a tira assemelha-se aos outros por abordarem assuntos polêmicos da vida social, no entanto, divergem-se na maneira de como abordam esses assuntos e quais assuntos cada gênero aborda em específico. A *charge*, por exemplo, trata as mazelas sociais de uma determinada época da história, representando de forma crítica as personagens políticas, esportivas e artísticas; o cartum, por sua vez, foca-se em temas mais universais, que ultrapassam seu tempo e podem ser lidos em épocas futuras, distantes do tempo de produção como os problemas relacionados às atitudes dos seres humanos, diante de determinadas situações. Por fim, as tiras tratam os fatos sociais de maneira aproximada à dos *cartuns*, no entanto, focalizam acontecimentos situados em determinada época, como no caso do autor Quino, que se situa no período da ditadura militar da Argentina, lançando tiras que abordavam os fatos ocorridos naquele momento histórico.

2.2 AS TIRAS DA MAFALDA

Mafalda surgiu na década de 1960, pelas mãos do argentino Joaquim Salvador Lavado, o Quino, como projeto publicitário para uma agência de Buenos Aires. Mas o projeto não foi aceito e os desenhos de Quino foram arquivados, até que o desenhista foi solicitado para colaboração de um jornal. A estreia de Mafalda foi o começo de uma história de sucesso. E assim aconteceu uma explosão de popularidade que ultrapassou os limites argentinos, chegando a diversos países: publicações em jornais, edições de livros com as tiras reunidas, pôsteres, cadernos, papel de carta, desenhos animados, filme em longa metragem, etc.

No que diz respeito ao gênero tira, Mafalda é uma das personagens mais populares. Sua importância se dá pelo fato de retratar não apenas seu país de origem, a Argentina, mas a própria América Latina. A menina aparece como contestadora da paz mundial e da sociedade. Um de seus questionamentos mais fortes se refere ao papel feminino exercido naquele período. Nas tirinhas de Mafalda, é recorrente a crítica ao lugar tradicionalista reservado às mulheres. Ela representa a mulher que nasce naquele período e que almeja mais do que o confinamento ao lar, diferentemente de sua mãe, Raquel, e sua melhor amiga, Susanita, cujos objetivos maiores são de serem mães e esposas.

Podemos definir Mafalda como uma personagem contestadora da década de 1960, que recusa o mundo tal como ele é, uma vez que pertence ao mundo repleto de contrastes sociais. Assim, Mafalda o recusa e vive em constante dialética com o mundo adulto, em busca pelo direito de ser uma menina que não quer submeter-se ao universo adulto que a cerca.

Mafalda está inserida em um contexto que é compreendido, aproximadamente, entre as décadas de 1960 e 1970, período de diversos conflitos, de mudanças e de questionamentos em torno dos valores vigentes.

Nesse período, a sociedade latino-americana cultivara a visão de que o único papel possível para uma mulher seria o tradicionalista, cercada de filhos, de um bom marido, repleta de afazeres domésticos e ao cuidado de uma boa aparência. À mulher cabia unicamente o papel de ser uma exemplar mãe e esposa; ícone de beleza e de eficiência doméstica. Essa visão da mulher é a herança de uma construção histórica, que esteve durante muito tempo, inscrita na subjetividade feminina como sua única alternativa, pois acreditavam que seu único papel era esse e convencidas disso, não pensassem em outras possibilidades, aceitando "satisfeitas" a dominação masculina e o confinamento ao lar. A maternidade, considerada função feminina que não necessita de habilidades especiais, não era considerada trabalho, logo, não merecia compensação. A atividade doméstica, em comparação à masculina que se dizia necessitar de inteligência e esforço, era vista como inferior e improdutiva.

Apesar de todas as mudanças que ocorriam na época, a construção da identidade estava quase que totalmente ligado à coletividade e, participar de um grupo social significava aderir às normas desse grupo e a seus discursos. No tocante à obra, há dois tipos de pertencimento: um é representado por Mafalda, ávida por mudanças socioculturais; o outro, representado por Raquel (mãe de Mafalda), que é exemplo de mulher submissa e, não muito diferente de Raquel, encontra-se nesse grupo, a menina Susanita (amiga de Mafalda), que almeja casar, ter muitos filhos e como desejo de prosperidade, deseja ter muitos vestidos, boa aparência e *status* social.

Os pais de Mafalda são o modelo burguês de conformismo: a mãe, uma dona de casa que não prosseguiu os estudos, o pai, funcionário de um escritório, cujo principal passatempo é cuidar de plantas. A mãe de Mafalda é vista pela menina, como o modelo de mulher que Mafalda não quer copiar, pois considera a mãe medíocre, sem ambição, uma vez que largou os estudos acadêmicos e uma possível carreira de pianista, ficando presa às atividades domésticas.

A instituição família sempre tenta impor verdades e saberes à Mafalda, no entanto, desprezando esse modelo, Mafalda planeja uma vida diferente: estudar e compreender melhor o mundo, falar vários idiomas e trabalhar como intérprete na ONU. Sobre essa relação familiar, podemos perceber que Mafalda não se deixa influenciar pela formação materna na construção de sua identidade. Sendo assim, tanto sua formação ideológica e discursiva como uma identidade feminina distinta a da sua mãe se dão através de mediadores paralelos ao familiar, entre esses estão: a televisão, o rádio e os amigos (como Liberdade e a mãe desta).

Susanita, a melhor amiga de Mafalda, é justamente seu oposto. Pois não quer saber do mundo a sua volta, não se interessa por política, pobreza e outros assuntos socioeconômicos. Está inserida em um limite particular, preocupando-se apenas com coisas que Mafalda considera como futilidades: a aparência e o *status* social. Seu desejo é o de seguir o modelo tradicionalista ditado pela sociedade, suas maiores ambições são: tornar-se mãe, esposa e ter muitos vestidos. Gosta tanto de repetir aos amigos como será seu futuro maravilhoso de mulher bem casada, pertencente à elite e, principalmente, como será maravilhoso ter um filho médico, que isso acaba importunando os colegas, principalmente sua amiga Mafalda. A menina também, em muitos momentos, despreza Mafalda devido à alta condição social que sua família ocupa.

Enquanto Susanita e Raquel são representações do modelo burguês feminino tradicionalista vigente no período: acomodada, de visão restrita, que sonham com uma vida de riqueza, felicidade, alta posição social, Mafalda vem quebrar essa visão de que a realização feminina se daria necessariamente por essa via de maternidade e casamento. Ela mostra que não precisa ser assim, simboliza a existência de mais possibilidades de realização do que a sociedade da época parecia impor, havia um leque extenso, o qual as mulheres deveriam se apropriar. Não é uma crítica à maternidade em si ou ao trabalho doméstico, mas a uma visão limitada de que seriam os papéis de mãe e esposa a as únicas vias possíveis de realização feminina.

Apesar de ser apenas uma criança em fase pré-escolar, Quino apresenta Mafalda mais lúcida do que os adultos a sua volta, pois a menina questiona o mundo que a cerca, preocupa-

se com os conflitos vigentes no período, com as desigualdades sociais, com a política e a ditadura de seu país, a Argentina. Criticando também as ditaduras vigentes nos demais países latino-americanos, que são muito parecidas no que diz respeito à opressão, à censura, à brutalidade, ao irracionalismo e tantos outros pontos em comum que regem regimes autoritários. Ou seja, há um rompimento com os padrões preestabelecidos, constatando que há uma inversão de papéis, quando se espera uma imposição hierárquica de valores e verdades. Junto a mais duas personagens femininas, Liberdade e sua mãe, que trabalha como tradutora, a menina reforça a ideia dessa nova mulher, que não se limita ao destino imposto pela sociedade, uma vez que se confronta com o modelo social feminino seguido por sua mãe. Mostrando uma nova identidade de mulher que coloca o sujeito diante de uma multiplicidade nunca vista de escolhas e de oportunidades, possibilitando uma relação social que interage com o desejo e a liberdade de ser de cada um.

As tiras da Mafalda são obras de arte produzidas no século XX, nas quais são elaboradas hipóteses sobre o real à luz das ciências sociais. Para Adorno (1986), a arte moderna, neste caso, as tiras da Mafalda, caracterizam-se pela não aceitação das tentativas de introdução dos parâmetros socialmente determinados. Assim, rejeitam modelos políticos e éticos que possam determinar sua ideologia. Adorno (1986, p. 20) afirma isso da seguinte maneira:

> A obra artística tem uma relação mediata com a realidade histórico-social em que foi produzida. [...] Como momento particular e, portanto, qualitativamente diferenciado do todo, ela não fica reduzida a reafirmá-lo no que tem de mais geral, mas é sua negação. Mas não é negação formal, externa, e sim negação plena de conteúdo social.

A partir dos enunciados e elementos típicos do gênero tira, Quino apresentou a constituição das representações femininas na interação verbal das personagens, como nos jogos do dito e do não dito, nos quais construiu críticas sobre a realidade sociocultural da época e eternizou um momento de conflito ideológico entre indivíduos da mesma geração e de gerações distintas.

Com base nestes postulados supracitados, será exposto o *corpus* a ser analisado e a análise do mesmo. Em nossa pesquisa, propomos um olhar interativo sobre os aspectos semântico-discursivos relacionados à produção do efeito humorístico na construção de sentido e identidade feminina nas tiras da Mafalda. Essa pesquisa será subsidiada pelo aporte teórico da Análise do Discurso, que possibilita um novo olhar para os processos discursivos que sustentam o texto. Para que haja a análise do *corpus*, sob a perspectiva teórica supracitada, é

necessário ir além da materialidade linguística e buscar a compreensão na exterioridade do texto, propriamente dito, associando o texto ao espaço sócio-histórico e ideológico em que foram produzidos os discursos.

CAPÍTULO III

3 ANÁLISE DO *CORPUS*

O *corpus* delimitado é composto por tiras da personagem Mafalda, desenhadas pelo cartunista argentino, Quino. Essas tiras foram publicadas nas décadas de 1960 e 1970 - período da ditadura militar na Argentina – e tratam de assuntos que possuem uma relação intrínseca com os fatos ocorridos naquele momento histórico, entre esses, a mulher em novo contexto sócio-histórico e cultural em paralelo ao machismo vigente no meio social, inclusive familiar. Assim, as tiras da Mafalda são carregadas de mensagens ideológicas dessa época, e analisá-las nos oportuniza a revelação de valores, conceitos e conflitos de uma sociedade, através de imagens e textos que compõem as tiras.

A partir de alguns recursos próprios do gênero tira, iniciaremos nossa análise semântico-discursiva sobre a construção de sentido e identidade feminina, presentes no discurso de algumas personagens femininas da turma da Mafalda, com base na leitura das tiras destacadas na sequência.

Figura 1: O vestido do jardim de infância.

Fonte: http://clubedamafalda.blogspot.com.br. Acesso em: Agosto de 2012.

Na figura 1, temos a primeira tira da nossa análise. Na imagem do primeiro quadro dessa tira, podemos notar que Mafalda observa de longe a mãe arrumando sua farda e afirma, em pensamento, que a mãe está preocupada, pois a menina vai para o jardim de infância e a mãe tem medo que ela não goste. No segundo quadro, Mafalda continua seu pensamento, achando que poderá acalmar a mãe se disser que está com vontade de ir para o jardim de infância e seguir seus estudos por muito tempo. No terceiro quadro, a menina está próxima à

mãe e afirma que quer ir para o jardim de infância, estudar muito para não seguir seu exemplo de mulher medíocre e frustrada, sendo essa a imagem que a menina tem de sua mãe. No último quadro, Mafalda sai do quarto achando que confortou a mãe com o que disse, no entanto, sua mãe fica descontente com o pensamento que a filha tem sobre ela.

Nessa tira, podemos observar, de modo geral, que a linguagem é fortemente marcada por características linguísticas, próprias do gênero, tendo em vista o humor que se dá através da crítica existente no discurso da personagem Mafalda. A menina tenta confortar a mãe dizendo que estudará para não ser igual a ela, que deixou os estudos para se dedicar à vida doméstica e familiar.

No primeiro e segundo quadro, ao observar Raquel, Mafalda em seu discurso, subentende que a mãe está preocupada que ela não goste do jardim de infância. No terceiro quadro, no discurso de Mafalda, a menina deixou pressuposto que o fato de a mãe não ter continuado os estudos resultou em uma posição social que ela considera medíocre e frustrada, e esse é um modelo feminino que a menina não quer repetir. Podemos perceber que a ausência de diálogo possibilita ao leitor várias leituras sobre o desfecho da tira: a primeira é de que a menina, ao sair, acha que confortou sua mãe e a conscientizou socialmente sobre a realidade de seu modo de ser mulher, no entanto, a segunda leitura nos mostra que Raquel se limita à falta de questionamento e apenas se submete a ouvir a realidade que há no discurso da filha, manifestando seu descontentamento através da expressão corporal, de tristeza ou desânimo.

A partir da relação sujeito-ideologia, podemos observar que os discursos de Mafalda e de sua mãe representam o conflito existente na formação de identidade feminina da sociedade em que foram produzidos. O discurso da primeira se apoia na formação discursiva de uma mulher liberal que busca a igualdade entre os sexos, não admite submissão feminina e questiona os problemas sociopolíticos e culturais; a segunda, por sua vez, possui um discurso de mulher submissa à sociedade machista, conformada com sua situação. O discurso de Raquel se apoia em uma formação discursiva determinada em tempo e espaço não aceito por Mafalda.

A construção de sentido se dá a partir da relação entre o texto verbal e não verbal que induz o leitor a construir esse sentido, através de estratégias discursivas que produzem diferentes efeitos de objetividade e subjetividade. O sujeito discursivo revela, a cada discurso, características de sua identidade, criando sentidos e dando significado às coisas. Assim, o discurso da Mafalda, conforme seu posicionamento ideológico silencia a voz de sua mãe, uma vez que nega a ideologia representada por Raquel. A revolta da Mafalda com o estado de posição de sujeito de sua mãe é retomado, com frequência, nos discursos de outras tiras,

produzindo efeitos de sentido que corroboram com a posição discursiva assumida pela personagem de Quino.

Figura 2: Quando eu crescer.

Fonte: http://clubedamafalda.blogspot.com.br. Acesso em: Agosto de 2012.

Na figura 2, considerando a comunicação estabelecida entre as personagens na tira, podemos observar a existência de um diálogo, uma vez que Mafalda e sua melhor amiga, Susanita, interagem através da comunicação verbal face a face, em que são apresentados pontos de vista diferentes que se posicionam ideologicamente e dão vida à linguagem.

Esse diálogo ocorre da seguinte maneira: no primeiro quadro, Susanita diz a Mafalda que quando crescer quer ter muitos vestidos, e Mafalda, também dizendo o que almeja para o futuro, diz querer muita cultura. No segundo quadro, Susanita interroga Mafalda, se a pessoa que andar sem cultura pela rua é preso pela polícia, e Mafalda responde que não. O diálogo continua no terceiro quadro, em que Susanita deixa implícitas as consequências do seu ponto de vista e desafia Mafalda a sair sem vestido. No quarto quadro, o desfecho do diálogo se dá com Mafalda saindo em reflexão, depois de ter batido em Susanita por ela pensar dessa forma, no entanto, Mafalda deixa pressuposto a ideia de que Susanita tem razão ao afirmar que se sair na rua sem cultura, a polícia ignora, porém, se sair sem vestido é interpretada como sendo uma pessoa sem moral. Nesse último quadro, a voz de Susanita não aparece explicitamente, mas pode ser percebida, através da fala de Mafalda, que constitui um posicionamento a uma ação anteriormente realizada.

Nessa tira, os discursos das personagens mostram o conflito de ideologias, em que a construção da identidade feminina se dá de maneiras distintas, ou seja, os sujeitos como construtores sociais, interagem entre si, e expõem suas visões de mundo. Susanita é desenhada na narrativa da tira como sendo uma menina fútil, que almejar um futuro repleto de

vestidos, enquanto Mafalda considera o fato de um investimento intelectual, ela almeja um futuro repleto de cultura.

O sentido dos discursos existentes nessa tira se dá além da estrutura interna do texto, visto que o encontramos na sociedade em que o indivíduo está inserido, enquanto sujeito de uma classe social, que fala de lugares sociais em que permeiam formações discursivas. Nesse sentido, assim como Raquel, mãe de Mafalda, Susanita é alheia aos problemas do mundo e aceita a condição de submissa ao machismo. Mafalda, indignada à posição de Susanita, mostra seu repúdio pela futilidade feminina e representa o surgimento de uma nova mulher, contestadora e crítica contra a hierarquia machista e a visão da mulher burguesa diante da sociedade.

A formação discursiva por trás da identidade das personagens de Quino se dá no meio das relações socioculturais, no entanto, são formações distintas, pois Susanita, mesmo sendo criança, já reproduz determinadas normas de conduta que são o instrumento de dominação da ideologia, provenientes da classe dominante como: traços de futilidade e o pensamento machista de submissão feminina. Essas regras e comportamentos são criticados por Mafalda, que põe os conflitos da sociedade em questionamento.

Figura 3: O fluxograma.

Fonte: http://clubedamafalda.blogspot.com.br. Acesso em: Agosto de 2012.

A figura 3 é mais uma tira em que há uma comunicação estabelecida através de um diálogo entre Mafalda e sua melhor amiga, Susanita. Nesse diálogo, são apresentados, mais uma vez, posicionamentos ideológicos distintos entre as personagens, que interagem através da comunicação verbal face a face.

No primeiro quadro da tira, o diálogo é iniciado pela fala de Susanita dizendo à Mafalda sobre seus planos para o futuro: casar e ter fihos. No segundo quadro, Susanita completa seu pensamento, dizendo que também vai comprar casa grande, carro bonito, jóias e

vai ter muitos netos. No terceiro quadro, a menina finaliza seu pensamento, dizendo que assim será sua vida e questiona sobre a opinião de Mafalda acerca desses planos. Mafalda, que até então apenas observava o que era dito pela amiga, expressa sua opinião contestadora ao discurso da amiga, e responde ao questionamento de Susanita dizendo que é lindo, porém tem um defeito. No último quadro, através da mudança de sua expressão facial, Susanita demosntra espanto ao ouvir que Mafalda viu um defeito em seus planos de vida "tão perfeito", programado. Mafalda, por sua vez, deixa pressuposto que, para ela, o que Susanita almeja para o futuro, não é exatamente futuro, mas um fluxograma, ou seja, um esquema de um processo natural para Susanita, que corresponte a um processo de reprodução de um modelo de vida alinhado com uma formação discursiva que reflete a ideologia da classe dominante.

Nessa tira, através dos discursos examinados, podemos perceber a contradição que há entre o diálogo das duas meninas, uma vez que Mafalda, inconformada com a trajetória de vida almejada pela amiga, não considera esses planos como vida, visto que segue um esquema projetado, arquitetado para ser mesmo, figurar como padrão de vida, pela conformidade de uma posição de sujeito que corresponde aos apelos de uma ideologia de base masculina e capitalista alucinante. Um modelo de submissão feminina, imposto pela sociedade a seguir determinadas regras de conduta comportamental. Mafalda caracteriza-se como sendo uma nova representação feminina, uma nova formação discursiva como base para a formação de uma identidade de mulher que almeja discutir sobre problemas sócio-políticos e culturais, além de buscar revolucionar o próprio papel da mulher na sociedade em que vive, ao passo que impõe uma nova visão de mundo, conduta e forma de vida para o gênero feminino da sociedade contemporânea que representa. Esse confronto de ideias que encontramos nos discursos da Mafalda revelam uma crítica à submissão feminina da sociedade vigente, mesmo caracterizando o efeito humorístico da tira.

Passemos para a leitura da próxima tira.

Figura 4: A limpeza do globo terrestre.

Fonte: http://clubedamafalda.blogspot.com.br. Acesso em: Agosto de 2012.

A figura 4, diferente da figura 1, em que apenas Mafalda se pronunciava, há uma comunicação entre as personagens na tira, que se dá através de um diálogo entre Mafalda e sua mãe, Raquel. A comunicação verbal face a face mostra a interação entre as personagens que se posicionam, ideologicamente diferente, causando o efeito humorístico.

Nesse diálogo, no primeiro quadro, Raquel aparece vestida como uma típica dona de casa: de avental, lenço na cabeça e vassoura na mão. Mafalda está distante da mãe, que a chama em voz alta, recebendo a resposta positiva da menina, que acusa sua ida ao seu encontro. No segundo quadro, a menina está próxima à mãe e vestida com trajes parecidos com o dela, pronta para auxiliá-la na faxina. Raquel ordena que a menina espane o globo terrestre que está próximo delas. No terceiro quadro, Mafalda fica observando o globo. Este ato deixa sua mãe questionando em pensamento o porquê que ela tanto olha para o objeto. No último quadro, a menina através de seu discurso, deixa implícita sua preocupação com problemas mundiais e questiona sua mãe se é para limpar todos os países do globo ou apenas os países mal governados. Esse questionamento deixa Raquel constrangida, o que é subentendido pela expressão facial da personagem após a pergunta da filha.

Nessa tira, podemos perceber o discurso contestador da personagem Mafalda, que se mostra preocupada com as questões mundiais, que recusa o mundo em seu estado atual. O questionamento sutil da menina deixa sua mãe em situação constrangedora, pois como é do conhecimento dos leitores das tiras da Mafalda, Raquel se mostra alheia aos problemas do mundo, visto que é muito conservadora e submissa à sociedade em que vive. Esse questionamento que se dá como desfecho do diálogo apresenta uma materialidade sócio-histórica e cultural ligada ao enunciado do segundo quadro, em que Raquel enuncia: "[...] passe o espanador no globo terrestre, tá?". Mafalda, em sua tomada de consciência acerca dos problemas políticos mundiais, mostra uma divergência ideológica sobre o enunciado produzido por sua mãe, uma vez que Raquel pede, apenas, que a menina limpe o globo terrestre, retirando o pó, entendido com sujeira, de um adereço de decoração que enfeita a casa. No entanto, a menina não vê o globo como um simples objeto de decoração, mas como a materialização dos problemas políticos do mundo real, que têm no objeto um referente.

Essa flexibilidade polissêmica causa o efeito humorístico do texto, através da criatividade do autor da tira. Sendo assim, é de responsabilidade do leitor desenvolver as possíveis significações existentes no texto, relacionando-as ao contexto no qual o texto foi produzido. Como demonstram as outras tiras já analisadas, Mafalda urge por um acúmulo cultural que impõem leituras complexas acerca dos enunciados produzidos em momentos de interlocução com seus interlocutores. A menina não atende ao pedido literal feito pela mãe,

alargando as possibilidades de leituras efetivas que a colocam no mundo, não apenas no lar, na família. Esse efeito de sentido permite que o leitor da tira reflita para os acontecimentos políticos e históricos dos quais somos apenas coadjuvantes, atentando para o fato de que sofremos diretamente os efeitos resultantes da administração dos maus governantes. Entendimento que é do conhecimento de Mafalda, como fica claro na situação esboçada pela tira analisada.

Vejamos a seguinte tira:

Figura 5: O sonho de Mafalda.

Fonte: http://clubedamafalda.blogspot.com.br. Acesso em: Agosto de 2012.

Na figura 5, Mafalda representa o resultado de uma expansão feminista que luta contra a hierarquia machista. Nesta tira, mais especificamente, no primeiro quadro, Mafalda aparece dormindo e sonha com sua mãe em um momento de emancipação sociocultural, em que se aproxima com um diploma na mão, dizendo que a menina não é mais filha de uma mulher medíocre, sendo essa a imagem que a menina tem de sua mãe, por ela ter abandonado os estudos e se dedicado, exclusivamente, à família. A resposta de Mafalda se dá através de uma exclamação em pensamento, acompanhada da expressão facial da personagem ao demonstrar surpresa pelo que a mãe enunciou em seu sonho, no segundo quadro, quando Raquel completa seu enunciado dizendo que fez faculdade e tirou o diploma. Mafalda demonstra satisfação com o ocorrido, sorrindo e abraçando a mãe. No terceiro quadro, a menina acorda e corre em direção ao quarto da mãe, contanto acerca do sonho que teve. Neste instante, Mafalda se depara com a realidade, ao verificar que sua mãe continua sendo a mãe de sempre: preocupada com a estética e conformada com sua limitação social ao ambiente doméstico. No último quadro, a menina aparece em lágrimas, confrontando, encarando sua mãe que nada entende, não imagina o que se passa com a filha, que verifica que o diploma, objeto de valor no sonho de Mafalda está distante se tornar real, visto que Raquel o substitui por um pente,

adereço de beleza, de estética. Como resposta ao que está acontecendo, Raquel tem sua voz silenciada e Mafalda apenas paralisa-se em pensamento, refletindo acerca do distanciamento que separa essas duas gerações, percebendo que não há possibilidade de entendimento entre ela e sua mãe.

A construção de identidade nessa tira se dá não somente pelas características físicas das personagens ou pelos discursos carregados de ideologia das mesmas, mas, também, por objetos agregados à sua imagem. Sendo assim, à Raquel estão agregados acessórios e produtos estéticos, além dos objetos usados na atividade doméstica. Objetos que enfatizam o papel da mãe de Mafalda como submissa à sociedade em que vive. Um recurso bastante eficaz na intenção de Quino de promover os sentidos que atribuímos na leitura da tira.

O efeito humorístico da tira se dá pelo confronto ideológico, que revela uma crítica à submissão feminina imposta pela sociedade. Para perceber esse efeito é necessário integrar linguagem verbal com aspectos visuais, além de relacioná-los ao contexto histórico da época em que a tira é produzida.

Como observado, as personagens femininas das tiras da Mafalda apresentam formações discursivas atreladas a formações ideológicas distintas. Os elementos verbais e não verbais contribuíram para a instauração dos sentidos pretendidos pelo produtor da tira, aspectos que não são visíveis a todos os leitores e podem gerar variadas interpretações, de acordo com a formação discursiva e o conhecimento de mundo de cada um dos leitores de Quino. Somos conscientes da identidade diversa dos leitores das tiras destacadas para a análise desse estudo, algumas próximas outras distantes da ideologia assumida pela personagem Mafalda, sujeito mulher, de identidade feminina explicitamente a frente do seu tempo, o que ficou demonstrado pelo confronto realizado com as outras formações discursivas das personagens que compõem as narrativas destacadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa análise, entendemos que o gênero tira, sobretudo, as tiras da Mafalda, têm por objetivo causar o riso, mas, mais que isso, espera despertar para críticas sobre assuntos que permeiam a sociedade da época em que foram produzidas. Essas críticas são contextualizadas com a realidade que se apropriam de conceitos e valores imaginários que existem na relação entre o produtor e o leitor das tiras. Por essa razão, tivemos que analisar como se deu a construção da identidade feminina e sua relação à sociedade que a cerca.

Percebemos a riqueza dos textos de Quino e defendemos a ideia de que interpretá-los não deve ser limitado a uma decodificação meramente linguística; devemos buscar o significado construído pelas personagens, através dos elementos extralinguísticos implícitos e/ou explícitos no texto, isto é, devemos analisar os discursos. Buscando o que, o como e o porquê do dizer das personagens, referente ao contexto social na qual estão inseridas.

Acreditamos que este trabalho poderá instigar uma reflexão sobre os gêneros discursivos, na qual incluiremos abordagens semântico-discursivas para uma forma de analisar os enunciados definidos na esfera humorística, a partir de estudos voltados para a leitura do gênero tira.

A partir das discussões feitas durante nosso trabalho de análise das tiras da Mafalda, podemos concluir, inicialmente, que o gênero tira não tem uma única intenção, não espera apenas causar o riso ao interlocutor, mas, principalmente, espera levar a uma reflexão acerca dos problemas sócio-históricos e culturais nos quais estamos todos imersos.

No que diz respeito à construção da identidade feminina nas tiras analisadas, os valores agregados às mulheres nos remetem aos diversos papeis femininos existentes em nossa sociedade.

Acreditamos que o nosso objetivo inicial foi atingido, uma vez que chegamos à conclusão de que as tiras possuem propriedades justificáveis, que as tornam importantes para se estudar suas relações discursivas, pois há uma relação de discursos entrecruzados, e nesses discursos há a coexistência de diversas vozes, o que foi destacado durante o desenvolvimento da história das tiras analisadas. Verificamos que em seu desenvolvimento foram impostas diversas críticas sociais, ora explícitas ora implícitas, causando o efeito humorístico. O caráter dialógico da linguagem no gênero tira foi observado através da relação que há entre o código verbal e o código não verbal.

Como uma pesquisa acadêmica é um estudo inacabado, uma vez que as hipóteses apresentadas podem e devem ser retomadas e reformuladas em estudos posteriores, é de suma importância que nossa análise seja observada como mais um enunciado na cadeia enunciativa do qual pretende figurar, inserido nas contínuas discussões que focalizam as mudanças sócio-históricas e culturais, nas quais a linguística e análise do discurso vêm se interessando.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. (et al.). **Teoria da Cultura de Massa**. Introdução, Comentários e Seleção de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. São Paulo: Rumo, 1970.

AUSTIN, John. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, M. M. (MEDVEDEV, V.). Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. (1979). Trad. Paulo Bezerra.4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____; (VOLOCHINOV, V. N). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2004.

BRONCKART, Jean-Paul. Os textos e seu estatuto: considerações teóricas, metodológicas e didáticas. *In*: _____. **Atividade de linguagem, textos e discurso**. São Paulo: EDUC, 1999.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 22. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COSTA VAL, Maria das Graças. **Redação e Textualidade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: Reflexões Introdutórias. 2. Ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. Pragmática. *In*: **Introdução à lingüística II**: princípios de análise. FIORIN, José Luiz (org). São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 2. ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. Semântica e Pragmática. *In*: GUIMARÃES, Eduardo. & ZOPPI-FONTANA, Mônica. (orgs.). **Introdução às Ciências da linguagem**: A Palavra e a frase. Campinas: Pontes Editores, 2006.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. [1982] *In*: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. (Org). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

HOFSTEDE, G. **Culturas e organizações**: compreender a nossa programação mental. *Lisboa:* Ed. Silabo, 1991.

KOCH, Ingedore. A construção textual do sentido. *In*: _____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 20. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Ângela. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich**. Ideologia Alemã**. Lisboa: Editorial Presença, 1965.

MATTA, Roberto da. **Torre de Babel***:* ensaios, crônicas, críticas, interpretações e fantasias. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

MENDONÇA, M. R de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. *In*: DIONÍSIO, Ângela. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MOURA, H. M. de M. **Os limites da Semântica e da Pragmática**. Graphos, Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB, João Pessoa, 2000.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. *In*: MUSSALIM, Fernanda. & BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez/Editora da Unicamp, 1988.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. Análise de discurso. *In*: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. **Almanaque dos quadrinhos**: 100 anos de uma mídia popular. Rio de Janeiro. Ediouro, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso.** Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi (et al.). 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

PEDRO, Emília. Ribeiro. The unbearable lightness of being. *In*: _____. (Org.). **Discourse Analysis Proceedings of the 1st International Conference On Discourse Analysis**. Lisboa: Edições Colibri, 1997.

POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas escolhas. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos, v. 3, São Paulo: Cortez, 2007.

SÁ, Edmilson José de. Entre (linhas) entre palavras. [Editorial]. **Conhecimento Prático Língua Portuguesa**. n. 37, 2010.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. **Lições de texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2006.